

Bem Mais que Ideias, de Patricia Hill Collins: a jornada da interseccionalidade em direção à uma teoria social crítica

Maria Rita Mazzucatto

Universidade de São Paulo (Mestre em Ciências da Comunicação),
Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0000-0003-1446-452X

Resumo

Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica, de Patricia Hill Collins, é objeto desta resenha, que destaca sua análise abrangente da interseccionalidade, sendo, ao mesmo tempo, uma obra introdutória e profunda sobre o tema. Nela, Collins explora as origens, a evolução e as aplicações da interseccionalidade, apresentando-a como uma teoria social crítica em construção e os caminhos para se chegar até sua consolidação, que passam pelo compromisso ético, pelo diálogo com correntes de pensamento resistentes e pela promessa de combater desigualdades sociais, lutando por uma sociedade mais justa.

Palavras-chave

Interseccionalidade; Patricia Hill Collins; Justiça social; Teoria social crítica; Resenha.

1 Resenha

Patricia Hill Collins, professora emérita do departamento de sociologia da Universidade de Maryland e grande nome do feminismo negro estadunidense atual, nos brinda com o livro *Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica* (2022), no qual aborda diferentes facetas da interseccionalidade. Sua obra, resenhada neste espaço, constitui um panorama completo sobre a questão da interseccionalidade e é rica fonte de informações para quem deseja introduzir-se ao assunto, sem, contudo, perder a oportunidade de aprofundamento. É dividido em quatro partes, com dois capítulos constitutivos cada, além de excertos adicionais. Com sua organização impecável, nos conduz de forma lógica e profunda, ao mesmo tempo em que nos pega pelas mãos para a viagem que planejou com esmero. A seguir, vamos ao conteúdo.

Na introdução, temos acesso a uma contextualização importante sobre a interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw no início dos anos 1990 em dois artigos originais. Emergiu como uma poderosa força no cenário social durante o século XX, um período de transformações significativas, marcado por acontecimentos como a Guerra Fria, os movimentos anticoloniais na África e na Ásia, e por uma

efervescência social presente especialmente nas nações em desenvolvimento. A ascensão do conceito foi impulsionada por uma nova perspectiva sobre as desigualdades sociais e a promessa de mudanças significativas..

A interseccionalidade é uma abordagem que reúne uma série de ideias dispersas, construídas ao longo do tempo, e que as conecta para analisar diversas camadas, fatores e fenômenos que contribuem para as desigualdades sociais. Mais do que um discurso ou um método científico, ela é uma ferramenta potente e que pode catalisar a ação e a transformação sociais, tudo em prol de uma sociedade mais justa. A evolução da interseccionalidade em direção a uma teoria social crítica é o foco principal do livro. Enquanto base conceitual, a autora define a interseccionalidade enquanto "lente para examinar como a análise crítica e a ação social podem se influenciar mutuamente" (COLLINS, 2022, p. 15).

No primeiro capítulo, são contextualizados o surgimento e a expansão global da interseccionalidade nos anos 90, abordando questões como sua natureza, parcialidade e sua posição como teoria ou metodologia. Collins enfatiza que a interseccionalidade é uma teoria em evolução, já desempenhando um papel significativo, embora possa não ser reconhecida como tal. Ela ainda analisa o conceito em três expressões principais: metáfora, heurística e paradigma. As metáforas são importantes porque fornecem imagens mentais para fenômenos complexos. Já a interseccionalidade como uma heurística é uma ferramenta para analisar e resolver desafios sociais. Enquanto isso, o papel paradigmático da interseccionalidade sugere que ela pode contribuir para um novo paradigma ao repensar as relações de poder na sociedade. Collins cria ainda um quadro conceitual que elenca todas essas categorizações importantes para a interseccionalidade, denominadas de dimensões do pensamento crítico, assim como seus construtos centrais e premissas orientadoras, fazendo, assim, grande contribuição ao pensamento.

Já no segundo trecho, a autora explora o significado de ser uma teoria crítica, analisando, para isso, três correntes relevantes. Primeiramente, destaca a Escola de Frankfurt, liderada por Horkheimer, que criticou os sistemas fascistas, especialmente o nazismo alemão. Em seguida, aborda os Estudos Culturais Britânicos, notadamente representados por Stuart Hall, que colocaram a análise crítica no centro de sua prática, utilizando abordagens transdisciplinares e colaborativas para repensar a questão da

identidade. Por fim, explora a teoria social francesa, com ênfase no pós-estruturalismo e nos pensadores Frantz Fanon e Pierre Bourdieu, destacando suas contribuições para a compreensão da violência psíquica do racismo e do descolonismo.

Adicionalmente, o terceiro capítulo tem por objetivo relacionar a interseccionalidade a projetos de conhecimento resistentes, como as teorias antirracistas, a teoria feminista e a teoria pós-colonial. A partir das experiências dessas tradições científicas, a autora reflexiona sobre como é crucial evitar a defesa acrítica da interseccionalidade, assim como de outros projetos, para garantir seu desenvolvimento e consolidação. Afinal, são projetos de pensamento e sociedade que buscam sua transformação para melhor. Por isso, apontar méritos, mas também pontos de melhorias, consiste em um exercício importante para o projeto de que a interseccionalidade torne-se uma teoria social crítica, sobretudo tendo como referencial a experiência de correntes de pensamento afins.

Já o quarto capítulo tem como foco central a análise crítica do poder epistêmico, que inclui termos como opressão epistêmica, injustiça epistêmica e resistência epistêmica, explorando, neste âmbito, os desafios da interseccionalidade como uma teoria social crítica em construção. Em uma reflexão que problematiza a questão da “descoberta” da interseccionalidade e também sobre a importância de metodologias, Collins enfatiza que é preciso trabalhar dialogicamente em meio a diferenças de poder a fim de promover o diálogo entre teorias e articular conceitos para resolver situações-problema.

Na quinta subdivisão, a autora busca associar a interseccionalidade à experiência e à comunidade, utilizando o pensamento feminista negro e o pragmatismo estadunidense como exemplos de trabalho comunitário e de ação social criativa. A autora destaca a importância de considerar a comunidade no pensamento interseccional, pois é um veículo essencial que liga indivíduos a instituições, influencia a ação e constitui um fator crucial na compreensão do comportamento político de grupos subordinados. Além disso, é ressaltada a importância da experiência na construção do conhecimento.

Ademais, dentro do sexto capítulo, Collins explora a interseccionalidade em relação à questão da liberdade, comparando as abordagens de duas pensadoras: Simone

de Beauvoir e Pauli Murray. Enquanto Beauvoir utiliza-se de um raciocínio analógico tradicional ao abordar conceitos como gênero, raça, classe, sexualidade e idade, fazendo com sua análise não seja verdadeiramente interseccional, em contraste, Murray, uma ativista negra estadunidense, parte da análise abduativa em seus escritos, recusando-se a reduzir todos os problemas sociais à questão racial e enfatizando a experiência e a solidariedade política como ferramentas para avançar em direção à liberdade.

No sétimo excerto, a autora explora a dimensão da relacionalidade como possibilidade de afiar as lâminas críticas da interseccionalidade, expressão que utiliza neste trecho, e destaca três formas de aplicação do conceito: a adição, que envolve a inclusão de estruturas de análise a algo existente, podendo inaugurar paradigmas ou modificar o campo de conhecimento; a articulação, que, inspirada no conceito de Stuart Hall, refere-se à ligação móvel e à interconexão de ideias; e a interdependência, que agrega complexidade à análise, resistindo a conclusões definitivas e que pode valer-se de metáforas como ferramentas metodológicas importantes.

Já no último capítulo, Collins destaca a centralidade da justiça social em projetos interseccionais e examina o perigo da falta de um compromisso ético em sua atuação, usando o exemplo do pensamento eugenista, especialmente influente no final do século XIX até a primeira metade do século XX. A autora enfatiza que as ideias importam, mas são insuficientes sem defensores e institucionalização, ressaltando ser crucial definir preceitos éticos para o impacto do conhecimento. Se, por um lado, a preocupação da interseccionalidade com a justiça social sofre acusações de adicionar vieses às análises científicas, por outro lado, postular a justiça social como foco do processo interseccional coloca-a mais próxima de ser uma teoria social verdadeiramente crítica.

Nos trechos finais, a autora coloca a importância da ética como prática de regulação e autorregulação do campo de produção de conhecimento. A ética pode ser expressa por termos como liberdade, igualdade, democracia, entre outras bandeiras de movimentos de conhecimento resistentes. Desta forma, a ética deve sair do âmbito das práticas pessoais e estar presente nas instituições de ensino, pesquisa, mas também em outras, como empresas, instituições religiosas e outras. Em resumo, afirma que “uma

interseccionalidade rígida e dogmática que se finge de teoria social crítica pode ser pior que nenhuma interseccionalidade” (COLLINS, 2022, p. 388).

Por fim, no epílogo da obra, Collins reafirma ainda que a interseccionalidade é uma ferramenta poderosa para entender e combater a desigualdade social. Ao analisar as experiências de pessoas que são marginalizadas em múltiplos eixos de poder, a interseccionalidade revela como esses diferentes sistemas se combinam para criar formas de opressão. Collins também destaca que a interseccionalidade já poderia, então, ser considerada uma teoria social crítica à medida em que não se limita a descrever a realidade, mas também busca transformá-la. Assim, a prática forneceria, então, uma lente para identificar as raízes da desigualdade e apontar caminhos para a justiça social, sendo, então, para todos, sem distinção. Por isso, Collins nos chama à ação.

Em nossa visão, o principal mérito de Patricia Hill Collins a partir desta obra é exatamente condizente com o título: com ela, temos acesso a bem mais que ideias, sendo inaugurado um novo olhar sobre os fenômenos sociais que passa pela reflexão crítica do próprio mecanismo de fazer ciência. Os exemplos trazidos pela autora, que muitas vezes acabam por configurarem-se comparações contrastantes e ilustrativas, são muito didáticos para entendermos como a interseccionalidade pode estar presente onde menos se espera e que nem sempre uma corrente crítica de pensamento amplamente aceita pela comunidade acadêmica leva em consideração outras vivências e olhares sobre os fenômenos sociais. Tal postura, para nós, aproxima o olhar interseccional, que se coloca como um novo paradigma a ser adotado no fazer epistemológico, ao paradigma da complexidade (MORIN, 2008), já mais difundido e aceito na comunidade científica e que defende um olhar não reducionista sobre os fenômenos.

Em conclusão, assim como a autora estadunidense Bell Hooks vê no amor uma “força inerentemente transformadora da realidade social” (HOOKS, 2021), Collins coloca a interseccionalidade neste lugar de abrir caminhos em prol de entender para combater as desigualdades. Vemos, então, que a força da interseccionalidade reside exatamente em sua promessa e seu compromisso com a transformação social, fazendo com que a leitura de Collins seja mais do que uma recomendação, mas um forte convite a todos que buscam repensar as estruturas de pensamento e poder em prol de uma sociedade melhor.

Referências

COLLINS, Patricia Hill. **Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

Intersectionality as Critical Social Theory by Patricia Hill Collins: the journey of intersectionality towards a critical social theory

Abstract

Intersectionality as Critical Social Theory, by Patricia Hill Collins, is the subject of this review, which highlights her comprehensive analysis of intersectionality, being, at the same time, an introductory and in-depth work on the topic. In it, Collins explores the origins, evolution and applications of intersectionality, presenting it as a critical social theory under construction and the paths to achieving its consolidation, which include ethical commitment, dialogue with resistant currents of thought and the promise to combat social inequalities, fighting for a fairer society.

Keywords

Intersectionality; Patricia Hill Collins; Social justice; Critical social theory; Review.

MAZZUCATTO, Maria R. Bem Mais que Ideias, de Patricia Hill Collins: a jornada da interseccionalidade em direção à uma teoria social crítica. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2023, p. 1-6.

Recebido em: 15/12/2023.

Aceito em: 21/12/2023.